

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VIAGENS PELA NOITE – O MUNDO DE ANATOLE LITVAK
9 e 13 de Dezembro de 2024

NIE WIEDER LIEBE! / 1931
(“Amor Nunca Mais!”)

Um filme de Anatole Litvak

Realização: Anatole Litvak / Argumento: Anatole Litvak, Irma von Cube e Felix Joachimson, baseado numa novela de Julius Berstl / Direcção de Fotografia: Robert Baberske e Franz Planer / Direcção Artística: Werner Schlichting / Cenários: Robert Herlth e Walter Röhrig / Guarda-Roupa: Joe Strassner / Música: Mischa Spoliansky / Som: Erich Leistner / Montagem: Aleksandr Uralsky / Interpretação: Lilian Harvey (Gladys O’Halloran), Harry Liedtke (Sandercroft), Felix Bressart (Jean), Oscar Marion (Jack), Julius Falkenstein (Baskett), Theo Lingen, Margo Lion, etc.

Produção: UFA – Bloch-Rabinowitsch Produktion / Produtores: Arnold Pressburger, Noë Bloch e Gregor Rabinovitch / Produtor Executivo: Erich Pommer / Cópia digital (DCP), preto e branco, falada em alemão com legendagem electrónica em português / Duração: 88 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Segundo ou terceiro filme (conforme as fontes) dirigido por Anatole Litvak, e seja qual for o caso o mais antigo dos seus filmes hoje sobrevivente, **Nie Wieder Liebe!** é, em primeiro lugar, um exemplo típico do escapismo da “Hollywood de Weimar”, as comédias românticas com um toque musical que continuariam, a partir de 1933, a ser um baluarte da produção de rotina da UFA, mesma quando ela, nesses anos, já era a “Hollywood de Hitler”. Mas a ligação com a autêntica Hollywood, a da Califórnia, também não é difícil de fazer, porque **Nie Wieder Liebe!** tem evidentes parentescos, nessa mistura de comédia, romantismo e música, com um dos géneros aí mais cultivados ao longo da primeira década completa do cinema sonoro, em parte “levado” da Europa por germânicos que já tinham imigrado. E à cabeça, claro, o santo nome de Ernst Lubitsch: **Nie Wieder Liebe!**, reduzido à intriga e aos elementos principais, é um primo aquém-atlântico daquela primeira sequência de comédias sonoras de Lubitsch com Maurice Chevalier e Jeanette McDonald, por exemplo (e já agora, entre o elenco do filme de Litvak encontra-se um actor, o genial Felix Bressart, que mais tarde veríamos na Hollywood americana em três filmes de Lubitsch, **Ninotchka**, **The Shop Around the Corner** e **To Be Or Not To Be**).

Curioso é que se em Hollywood se fantasiava com a Europa central, frequentemente reconstruída em versões “fake”, na Europa central fantasiava-se com a América. Entra-se em **Nie Wieder Liebe!** através de um plano magnífico, um travelling voador sobre uma maquette completamente artificiosa de uma grande cidade americana, uma Nova Iorque “fake”, num preâmbulo que tem pouco a ver como o resto do filme, e que parece essencialmente resultar de mostrar a opulência e o poder dos valores de produção da UFA, mas também o engenho e a criatividade dos seus decoradores – no caso, dois nomes históricos, Robert Herlth e Walter Röhrig, autores dos cenários do **Caligari** de

Robert Wiene, depois ligados a Murnau e aparentemente especializados na produção em estúdio de “fakes” de cidades: é deles a Berlim “falsa” do **Letzte Mann** de Murnau e, porventura ainda mais espectacular, a Berlim de estúdio no **Asphalt** de Joe May, de apenas dois anos antes do filme de Litvak. Mas o “estrangeirismo” estende-se às personagens, todas com nomes anglo-saxónicos e supostamente originárias ou dos EUA ou de outros países onde se fale inglês, e às paragens que se percorre, nomeadamente a Cote d’Azur, na zona de Nice, onde algumas cenas foram realmente filmadas (está longe de ser a única produção alemã deste tipo e desta época a procurar o sul de França e as vizinhanças de Montecarlo como cenário, o que sugere o poder que este imaginário geográfico, mas um imaginário também do luxo, tinha sobre o depauperado público alemão dos últimos anos de Weimar: iam ao cinema experimentar a vida de rico, para desenjoar da inflação galopante que os sufocava na vida real de todos os dias).

De acordo com isto tudo e com o propósito escapista da empreitada, o elenco é encabeçado por uma das maiores vedetas do cinema alemão da época (e no mesmo ano de **Der Kongress Tanzt!**, talvez a mais arquetípica e bem sucedidas das *tonoperette*, das “operetas sonoras” que se tornariam tão populares), Lilian Harvey, a mesma que no fim da década, para fúria de Goebbels & Cia, preferiria virar as costas à Alemanha. De certo modo, para além de se inscrever na história da UFA, **Nie Wieder Liebe!** inscrevese, especialmente, na história de Lilian Harvey e do poder da sua “persona” para as audiências alemãs, naquela mistura de encanto quase inocente, modernidade de mulher autónoma, independente e aventureira, e uma espécie de graça erótica que pode ser bastante sugestiva (a cena em que, tipo sereia, aparece em fato de banho aos marinheiros, ou aquela em que embaraça o pobre criado interpretado por Bressart, estão entre o melhor do filme e avançam por terreno, de facto, muito lubitschiano). Não admira que seja capaz de fazer o milionário Sandercroft (Harry Liedtke) suspender o seu voto de celibato e matizar-lhe o “nunca mais” ao “amor”.

O jovem Litvak era um profissional de estúdio, competentíssimo, capaz de se plasmar por inteiro nos interesses superiores da produção – é por isso que nos temos referido ao filme mais como um “filme UFA” do que como um “filme Litvak”. De entre alguns aspectos que viriam a ser característicos no seu cinema, entrevê-se talvez, a câmara muito móvel, sobretudo nas cenas (os interiores, as cenas de conversa) em que mais se esperaria que ela estivesse quieta – ou, o que vai dar não bem ao mesmo mas quase ao mesmo, a mobilidade dos actores perante a câmara, outra forma de evitar a fixidez e encontrar a fluência visual. Entre os assistentes de Litvak estava um jovem de 29 anos que no ano seguinte, 1932, realizaria a sua primeira longa-metragem. Chamava-se Max Öphuls e talvez, em cada movimento de câmara de **Nie Wieder Liebe!**, estivesse a tirar notas.

Luís Miguel Oliveira